



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS**

ELANE MAGNA DE OLIVEIRA PEREIRA

**O ALINHAVADO DA IDENTIDADE: PERSPECTIVAS DA MATERNIDADE
SOLO NA SOCIEDADE PURITANA EM A *LETRA ESCARLATE***

**GUARABIRA
2023**

ELANE MAGNA DE OLIVEIRA PEREIRA

**O ALINHAVADO DA IDENTIDADE: PERSPECTIVAS DA MATERNIDADE
SOLO NA SOCIEDADE PURITANA EM A *LETRA ESCARLATE***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Inglês.

Área de concentração: Literatura Norte-Americana.

Orientadora: Profa. Ma. Isabelle Santos Araújo

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P345a Pereira, Elane Magna de Oliveira.
O alinhavado da identidade [manuscrito] : perspectivas da maternidade solo na sociedade puritana em A Letra Es / Elane Magna de Oliveira Pereira. - 2023.
28 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Isabelle Santos Araújo , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. A Letra Escarlate. 2. Puritanismo. 3. Maternidade. 4. Religião. I. Título

21. ed. CDD 305.42

ELANE MAGNA DE OLIVEIRA PEREIRA

O ALINHAVADO DA IDENTIDADE: PERSPECTIVAS DA MATERNIDADE
SOLO NA SOCIEDADE PURITANA EM A *LETRA ESCARLATE*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Inglês.

Área de concentração: Literatura Norte-Americana.

Aprovada em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Isabelle Santos Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para minha filha Emilly.
Destrua o patriarcado, querida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus que me sustentou com sua Graça alcançar meu objetivo, de forma paciente ao conciliar a maternidade atípica, casa, estudos e me fortalecendo com sua força e sabedoria.

O meu querido esposo Fabiano Silva de Oliveira, que se fez presente psicologicamente e financeiramente com seu apoio nessa caminhada, auxiliando de forma protetora para que não desistisse de minha tão sonhada Graduação, suportando, as minhas frustrações e ansiedade.

Aos meus filhos, Emilly, Dário, Douglas e Bernardo, que me deram o título de Mãe! E a minha Emilly que sempre me apoiou, a ela que se iniciou a minha jornada. Aos meus meninos, Dário e Douglas, me fizeram forte! Bernardo, que me fez enxergar o mundo com seu olhar atípico.

Ao meu pai, Evaldo, que me apoiou nessa caminhada! És um pai guerreiro! A minha mãe, Maria Goretti, que tanto sonhou que seus filhos poderiam alcançar esse objetivo! És uma mulher de força!

Em memória, meus avós, Dona Santa e ao senhor Severino Moreira, que tanto acreditavam no meu potencial. Em memória, minha irmã Evalda Maria, que sempre batalhou para proporcionar uma infância cheia de lembranças boas.

A minha orientadora, professora Me. Isabelle Araújo, agradeço por aceitar o convite e me auxiliar com minhas dúvidas de forma gentil e profissional.

A professora Dra. Clara Mayara, que deu início a esse processo de orientação e me incentivou com estudos na literatura. Aos professores do curso de graduação, em especial: Prof. Dr. Auricélio, Prof. Me. Jenison, Prof. Dr. Vilian, que contribuíram na minha formação, compartilhando ensinamentos no âmbito acadêmico e literário.

Aos meus colegas de turma, que se fizeram presentes nessa trajetória que se iniciou em 2020.1, e àqueles que encontrei nesse percurso na UEPB. Obrigada por compartilhar desse momento!

À banca examinadora, por disponibilizar de sua atenção ao aceitarem o convite, assim, fazendo-se presente nessa realização de grande relevância em minha vida. Agradeço, por compartilhar de seus conhecimentos na área profissional e por analisar o presente trabalho.

“Quem pode dizer o que é um pecado aos olhos de Deus.”
Nathaniel Hawthorne

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>The Virgin and Child with Angels</i> , pintura de Cavarozzi.....	20
Figura 2 – Hester sobre o cadafalso aos olhares da colônia puritana.....	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	HIPOCRISIA DA SOCIEDADE PURITANA.....	13
	2.1 O mundo do puritanismo: sociedade e literatura.....	13
	2.2 O Puritanismo: crime e castigo	15
	2.3 Pecado e Hipocrisia	16
3	MATERNIDADE: NEM MARIAS, NEM MADALENAS.....	17
4	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O DESABROCHAR DA ROSA....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	25

**O ALINHAVADO DA IDENTIDADE: PERSPECTIVAS DA MATERNIDADE
SOLO NA SOCIEDADE PURITANA EM *A LETRA ESCARLATE***

Elane Magna de Oliveira Pereira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a análise do processo de identidade manifestada através da maternidade solo da personagem Hester Prynne na obra *A Letra Escarlata* (1850), de Nathaniel Hawthorne. A partir do adultério e maternidade de Prynne, procuramos observar os conflitos sociais relacionados à natureza religiosa em função do papel da mulher no contexto da literatura e religião. Temos como objetivo analisar e contextualizar a obra relatando sobre os aspectos relacionados à personagem, além de mostrar ao leitor como a maternidade é manuseada na sociedade puritana e como ela contribui no processo de identidade da personagem. Dessa forma, a nossa pesquisa é de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, para o qual utilizamos as leituras de Rougemont (1902), Karnal (2007) e Stevenson (1936), entre outros. A partir de nossas análises, observamos o posicionamento de Hester diante aquela sociedade patriarcal, discutindo acerca dos princípios religiosos impostos pela figura masculina no desenvolvimento social.

Palavras-chave: A Letra Escarlata; Puritanismo; Maternidade; Religião.

ABSTRACT

The present work has as its theme the analysis of the identity process manifested through the single motherhood of the character Hester Prynne in the work *The Scarlet Letter* (1850), by Nathaniel Hawthorne. From Prynne's adultery and maternity, we try to observe the social conflicts related to the religious nature due to the woman's role in the context of literature and religion. We aim to analyze and contextualize the work by reporting aspects related to the character, in addition to showing the reader how motherhood is treated in Puritan society and how it contributes to the identity process of the character. In this way, our research has as a bibliographical survey we use a qualitative approach through materials and research to the studies of Rougemont (1902), Karnal (2007), and Stevenson (1936), among others. Thus, pointing out as results of the analysis the position of Hester before that patriarchal society, which leads us to discussions about the religious principles imposed by the male figure in social development.

Keywords: The Scarlet Letter; Puritanism; Maternity; Religion.

¹ Graduanda em Letras-Ingês, pela Universidade Estadual da Paraíba, campus III. E-mail: elane.pereira@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o papel da mulher e seu desenvolvimento no contexto da maternidade e, nesta pesquisa, nos interessa observar também como o âmbito religioso influencia essa vivência feminina no período colonial americano. Como arte, a literatura provoca reflexões e participa da criação de estereótipos que desenvolvem ao modelo patriarcal de uma sociedade. Neste artigo, buscamos investigar como a personagem central de *A Letra Escarlate* lida com sua dimensão materna ao ser confrontada com a difícil realidade da mulher puritana. O romance, escrito por Nathaniel Hawthorne e publicado em 1850, tem enorme relevância dentro da literatura norte-americana e mundial e trata de temas como obsessão pela moralidade, pela natureza do pecado, hipocrisia e julgamento. Além disso, o presente romance proporciona aos leitores uma expansão acerca de temas sociais, religiosos e de gênero, apontando algumas das diversas representações e características impostas às mulheres no decorrer dos séculos.

O romance *A Letra Escarlate* se desenvolve em uma colônia inglesa durante o século XVII, nos atuais Estados Unidos da América e antigo “Novo Mundo”, nomenclatura dada às Américas no período inicial da colonização. Nessa colônia, vivia um grupo religioso de puritanos, o qual perpetuava leis e condenações como meio de imposição de uma suposta pureza humana, pois esse grupo era fortemente preocupado com a integridade da igreja e do sujeito que compunha aquela sociedade. A protagonista dessa história é a Hester Prynne, mulher que migrou essa colônia, hoje chamada Baía de Massachusetts. Depois de alguns anos de sua chegada, Hester acreditava que era viúva do seu marido Roger Chillingworth, que até esse momento não havia chegado à colônia nem havia lhe enviado carta nenhuma, fazendo-a presumir que ele estaria morto, e assim, acaba se relacionando com um dos líderes religiosos de sua comunidade, o jovem ministro Arthur Dimmesdale com quem acaba tendo uma filha fora do casamento, a qual a personagem dá o nome Pearl. Hester é condenada por adultério e a cumprir uma sentença de prisão por silenciar sobre seu pecado e não proferir o nome do pai de sua filha, sendo, dessa forma, obrigada a enfrentar vergonha pública e a carregar consigo a “marca da vergonha”, exibindo em suas vestes a letra “A” em cor escarlate como um símbolo de seus pecados. Passaram-se anos do julgamento e Hester seguia firme em sua trajetória, vivendo com autonomia, sustentando a si mesma e à filha trabalhando com bordados e costuras enquanto morava em uma pequena cabana isolada na floresta.

Para analisar essa obra, utilizamos os estudos de Oliveira (2011), Elbert (1990) e Beauvoir (1967), que tratam de estudos relacionados aos padrões impostos pela sociedade religiosa utilizando os conceitos e ambiguidade na escrita do autor colocando a mulher como objeto e o homem como sujeito, além de, contribuírem para analisar de forma subjetiva literatura e sociedade, fazendo levantamentos sobre os aspectos religiosos puritano relacionando como retratação de uma maternidade solo trará um debate sobre a moralidade feminina nesse meio. Assim sendo, mostra como a personagem Hester dentro da obra terá um papel sobre a comunidade puritana age, que nos leva ao aprofundamento de discussões sobre como a mulher passa por essas tradições culturalmente e histórica estabilidade pela influência masculina.

Na primeira parte do referencial teórico, utilizamos os textos de Karnal (2007) e Rougemont (1902) para compreender como o puritanismo se relacionava com as questões sexuais e como a sociedade puritana intervinha sobre a ideia do pecado. A partir disso, fizemos observações acerca da identidade construída por Hester Prynne em contato com a sociedade puritana e também como o sexo e a maternidade foram abordadas, assim, debatendo os aspectos religiosos que afetam a identidade da personagem, realizando reflexões em suas interações que não separam a literatura ao mundo atual. Diante disso, discorreremos sobre as reflexões dos valores subjetivos da mulher puritana, por sua vez, levantaremos até que ponto a maternidade era sinônimo de divindade ou se, pelo contrário, a solidão materna se tornava protagonista de uma hipocrisia social.

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar e discutir os aspectos relacionados à personagem principal feminina, Hester Prynne, e como a maternidade se apresenta em sua vida dentro da rígida sociedade puritana, e de que maneira esse fato impacta seu processo de construção de identidade. Nesse contexto, será abordado o papel da sociedade puritana em relação aos valores religiosos, especialmente no que diz respeito à maternidade de Hester Prynne, evidenciando características como a prática sexual e a ausência paterna. Dessa forma, será realizada uma análise da maternidade solo, com o intuito de discutir o processo de formação da identidade feminina ao longo dos séculos, considerando como as experiências individuais das mulheres são influenciadas pelo seu círculo social e de que maneira a religião exerce uma influência de submissão à subjetividade masculina.

A partir desse romance de Hawthorne, a personagem Hester nos levará a uma análise ao ser fictício e ser vivo, nos mostrando que a “literatura não nasce de uma lacuna, mas no círculo de conjuntos de discursos vivos, diálogos com eles, consideráveis

características.” (Todorov, 2009, p. 22). Posto que literatura e sociedade não podem ser separadas porque ambas trazem consigo características onde se interligam fazendo que ficção tenha caráter exploratório na sua (in)consistência existencial. Diante disso, nosso objetivo é discutir a representação da mulher puritana abordando como a religião busca influenciar a maternidade solo da personagem, além de como essa maternidade acaba se relacionando na construção do processo de identidade a qual a figura feminina deixa de ser objeto e passa a ser sujeito.

No contexto literário observamos como a natureza feminina foi rotulada, a escritora Woolf (1979), discorre sobre esse tema em muitos de seus escritos e cunha, eventualmente, o termo “Anjo do lar”² originou a partir da obra *Angel in the house*³ (1858), a qual necessita de colocar a figura feminina com objeto de aprovação, assim, era implantada um modelo de mãe e esposa que viria carregada com adjetivos de qualidade. Mas, que, porém, o rótulo “monstro”⁴ era implantado para aquelas mulheres que desobedeciam àquela sociedade patriarcal que utilizava de ações e pensamentos próprios, sendo assim, sistema patriarcado impõe um modelo de estereótipo feminino. Dessa maneira refletiam dentro círculo religioso junto a sociedade para sementeação de tais patriarcados fazendo que se tenha uma imprescindibilidade da ocultação dos desejos sexuais e que seja apenas ressaltada a maternidade nesse meio.

Dessa forma, através do nosso primeiro contato com a obra *The Scarlet Letter*, surgiu a necessidade de levantar outros questionamentos sobre a obra Hawthorne, como a escrita do autor levanta pontos cruciais sobre ações da personagem fictícia ligadas sexo e maternidade, assim, surgiu um interesse de realizar discussões sobre a temática. Além disso, como a figura feminina da personagem Hester transborda autonomia perante uma

² Termo que foi reforçado pela escritora Virginia Woolf, segundo ela, havia em todas as mulheres uma sombra. No texto, Virginia, discorre como “Anjo do Lar” vem interligado com adjetivos de qualidade. Dessa forma, figura feminina, citada: “(...) Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feito era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto.” (WOOLF, 1931)

³ O poema surgiu na época vitoriana a partir da obra de Coventry Patmore tendo como principal caráter eternizar a memória de sua esposa descrevendo a vida de um jovem virtuosa, elas deveriam ser “[...] o anjo do lar”: é simpática, altruísta, passiva, subordinada, silenciosa, casta, obediente, fiel.” (BONNICI, 2007, p. 22)

⁴ O termo “monstro” acaba sendo adotado para aquelas que não seguem os padrões, as mulheres são titulas por características negativas, além, suas ações refletem “[...] não faltam, contudo, vozes femininas que subvertem o patriarcalismo monolítico. Megeras, loucas, assassinas, feiticeiras, rebeldes, sedutoras, sutis, estrategistas, cínicas[...].” (BONNICI, 2007, p. 22)

comunidade puritana no século XVII, enfatizando o papel da mulher e como é entendido maternidade na época, assim sendo, fazendo o isolamento de suas ações e sim como o fanatismo religioso sobressair perante um grupo a qual a mulher atribuída por seu feito.

A personagem é condenada em praça pública sobre olhares e palavras hostil daquela sociedade puritana mesmo em que seus braços carregue um pequeno bebê a falta da presença masculina auxiliará em sua punição, dessa forma, consolidando sua maternidade solo diante do abandono paterno. Além disso observamos como a alcunha “monstro” será aplicada a ela e marcado em seu peito com um emblema da letra “A”, como: pecado, castigo, moral e religião será retratada dentro da obra *A Letra Escarlate*.

Em função disso, Hester irá do cadafalso à sua libertação, que marca uma mudança na sua vida e os ressignificados que a maternidade traz para narrativa nos mostrando como as mulheres ainda são reféns, como os ensinamentos religiosos contradizem atos femininos e, dessa forma, valores e princípios são desafiados e reconstruídos.

Diante disso, nascendo uma necessidade e relevância de discussões como a maternidade será transfigurada na obra literária identificando a construção de uma maternidade solo e assim nos mostrando como o processo da identidade feminina modificará no meio social puritano, assim sendo, fazendo uma reflexão sobre moralidade e impacto diante dos estereótipos implantados dentro da literatura e sociedade.

Em vista disso, utilizando os estudos de Oliveira (2016), Rougemont (1902), Karnal (2007) e Stevenson (1936), buscamos travar discussões sobre alguns aspectos da sociedade puritana, tendo como estudos religião e sociedade para discorrer sobre a maternidade na escrita de Hawthorne; recorreremos também a Beauvoir (1967), Oliveira (2011) questões como mulher visualizada na sociedade, além de Elbert (1990) na compreensão como religião auxiliará na condenação e julgamentos possibilitando assim uma análise da problemática da maternidade solo que a personagem se depara juntamente como processo de identidade da mulher no meio social.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, que, “[...] não se preocupa com representativa de numérica, mas sim, como aproveitamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 31). Posto que esse modelo de pesquisa, “[...] não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”. (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Foi utilizada tanto para aprofundar conhecimentos como ilustrar os conceitos definidos anteriormente a partir da natureza descritiva com caráter bibliográfico, desenvolvendo “[...] a partir de material já publicado, constituído e já que principalmente de livros, artigos de periódicos

e, atualmente, material disponibilizado na Internet.” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 28). Além disso, foram montados com base de conhecimento considerados livros e artigos científicos em português, inglês com o cruzamento de palavras-chave realizado para a coleta das referências, foi: FEMININE PURITANISM, PURITANE SOCIETY, THE SCARLET LETTER e MOTHERHOOD. Portanto, baseando-se no referencial teórico adotado e nos objetivos de estudos de revisão da literatura e realizando uma análise pormenorizada da obra *A Letra Escarlate* em específico a personagem protagonista Hester Prynne.

2 HIPOCRISIA DA SOCIEDADE PURITANA

2.1 O mundo do puritanismo: sociedade e literatura

Ao final do século XVI, na Inglaterra, surge a necessidade de dar início a uma reformulação à igreja, gerando, assim, uma ruptura com a Igreja Católica em consequência ao divórcio do rei Henrique VIII com a rainha Catarina de Aragão, nascendo, então, uma nova reforma aos princípios e moral religioso que influencia vários grupos. Stevenson (1936) explica que a Igreja da Inglaterra se modificou, e esse evento faz surgir um grupo de radicais de uma nova ordem religiosa já que era rejeitada pela Igreja Católica e passa a ser rejeitada também pela Igreja Anglicana, a atual Igreja da Inglaterra, desde a ruptura. Após essa reforma religiosa o puritanismo será adotado por alguns grupos e o maior fundamento dessa doutrina é a ação de “purificar” a igreja, questionando as práticas, leis e cerimônias que não estejam alinhadas com os padrões morais adotados, uma vez que, apesar do distanciamento entre as igrejas Católica e Anglicana, a segunda foi construída com muitas das práticas e até mesmo da estrutura da primeira. Por causa dessa semelhança, os puritanos viam a necessidade da eliminação dos atos e cerimônias que não fossem encontradas na Bíblia, o que os tornou malquistos em território inglês, passando a serem perseguidos na Inglaterra e obrigados a sair em busca de novas terras nas quais conseguissem liberdade religiosa para si próprios, para exercer seus ideais e sua rígida moral.

Karnal (2007) comenta que o grupo migrou ao “Novo Mundo” em conjunto com seus líderes religiosos, como John Robinson⁵, um dos principais líderes da doutrina, com

⁵ Foi um pastor dos peregrinos e um dos fundadores do movimento separatista radical, assim pregando para pequenos grupos que desejavam se separar da Igreja da Inglaterra, frustrados pelas atitudes e ensinamentos, além, não acreditavam na Igreja Católica Romana, assim se tornando um dos principais fundadores e educadores do modelo puritano. (KARNAL, 2007, p. 38)

o sonho de viver de acordo com suas crenças e buscando implementar as suas novas leis que seriam mais rígidas com as quais a população estava acostumada e que faria de transgressores exemplo acerca da ordem e moral obrigatórias neste grupo social, almejando construir uma sociedade que fosse marcada pela ideia de ser o povo eleito e especial, contribuindo assim para a cultura subsequente de *American Dream* dos Estados Unidos. Esse ideal puritano acaba se tornando um marco importante para a história norte-americana devido às novas ideologias e construção de uma nova sociedade que “[...]tinham em altíssima conta a ideia de que constituíam uma ‘nova Canã’, um novo ‘povo de Israel’: um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de ‘eleitos’”. (KARNAL, 2007, p. 39). Em solo americano, os puritanos viviam agora com a perspectiva de sociedade perfeita sobre as leis de Deus regidas pela culpa, pela repreensão do pecado e pela disciplina, tendo como principal objetivo, como explica Stevenson (1936), implantar o bem-estar social e conduzir à vida e estado do homem sobre o valor da doutrina religiosa ao modelo de salvação de Jesus Cristo. Ainda na concepção dos acontecimentos históricos que ocorrem nos Estados Unidos iremos embarcar na obra literária *The Scarlet Letter* de Nathaniel Hawthorne que revela que literatura e sociedade não podem ser separadas.

Como já comentado, em *A Letra Escarlata* nos deparamos com uma sociedade fundada nos atuais Estados Unidos no século XVII e que é regida por um grupo minoritário religioso chamado de puritanos, que acreditava que a Igreja da Inglaterra precisava ser purificada da influência do catolicismo. Dessa maneira, a obra nos apresenta um contexto histórico que tem como princípios da boa experiência humana a religião em primeiro lugar, a rigidez nas leis e a vivência do sentimento de culpa, como argumenta Candido:

Na formação histórica dos Estados Unidos houve desde cedo uma presença constritora da lei, religiosa e civil, que plasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado. Daí uma sociedade moral, que encontra no romance expressões como *A Letra Escarlata*, de Nathaniel Hawthorne, e dá lugar a dramas como o das feiticeiras de Salem. (CANDIDO, 1998, p. 50)

De fato, observamos como o autor faz uma analogia da sua obra a acontecimentos históricos fragmentando a sua escrita sobre as variantes temáticas e discussões que são de extrema relevância para prosseguimentos de reflexão do meio social e literatura.

2.1.1 O Puritanismo: crime e castigo

A partir disso, moral e princípios regiam a comunidade colonial puritana, a qual se identificava como parte do Novo Mundo, na qual a mulher exerce seus deveres domésticos e conjugais, assim sendo, como reforça Rougemont (1902), a qual a mulher puritana tem a responsabilidade de prover cuidados e bem-estar ao seu lar e da prática sexual destinada à procriação ao lado do seu esposo. Dessa forma, o grupo religioso possuía uma enorme dificuldade em admitir a sexualidade feminina, pois ela se torna uma fonte de prazer aprovado pelo céu entre marido e mulher.

Apesar de todas as alianças patriarcais daquela sociedade puritana sobre a postura feminina e sua submissão aos bons princípios, surgiu a personagem Hester Prynne que quebrará todos os parâmetros e regras que ali abrange. Hester violou um dos mandamentos que regia aquela colônia, as leis puritanas que baniram a prática sexual que não teria como principal fonte a procriação, além disso, a consolidação do adultério carnal apontado pelos regimes religiosos, como podemos observar a partir desse estudo de Rougemont (1902) acerca dos princípios e leis adotados pela sociedade puritana:

Ao olhar da Igreja, o adultério era ao mesmo tempo um sacrilégio, um crime, contra a ordem natural e um crime contra a ordem social. Pois o casamento unia ao mesmo tempo duas almas fiéis, dois corpos aptos a procriar [...]. (ROUGEMONT, 1902, p. 374)

Em função disso, a personagem será exemplo da obra transgressora que ali se faz presente, pois, além do ato sexual por meio pecaminoso ela dá à luz uma filha, Pearl, sendo assim apontada como “monstro” reforçando estereótipos colocando aquelas que não seguem as ordens e servido como sermão vivo de crime e castigo que empregar aquela colônia. Podemos observar no seguinte trecho: “Assim ela servirá como um sermão vivo contra o pecado, até o dia em que o ignominioso sinal seja estampado sobre seu túmulo.” (HAWTHORNE, 2011, p. 77).

Nesse sentido, pecado e castigo sobre seus atos humanos em um mundo que aspira ser sem pecado, passará por um processo de punição. Hester será colocada em palanque em praça pública e passará por uma morte simbólica aos olhares da multidão durante horas, pois, “[...]carrega consigo esse fardo aos olhos de homens e mulheres, aos olhos daquele a quem chamaste de teu marido, aos olhos desta criança!” (HAWTHORNE, 2011, p. 87).

A mulher puritana nascida e criada à velha maneira inglesa que desempenhava seus papéis de doméstica e provedora do seu lar, será marcada em seu peito com símbolo da vergonha ao não cumprir com as regras regidas por uma hipocrisia dos homens que se fazem presentes em sua condenação e reforçadas pelas mulheres que ali presenciam um dos atos mais cruéis proposto e executado por uma sociedade.

2.1.2 Pecado e Hipocrisia

No capítulo do julgamento, o narrador nos mostrará diferentes testemunhos que presencia aquela cena sob palanque⁶ que é colocada Hester a peculiaridade do interesse das mulheres e assustadora fúria na aplicação do castigo, além, dos olhares direcionado a letra “A” que reflete ao brilho do sol, “em tecido vermelho fino e adornada por um elaborado bordado e fantásticos floreios em linha dourada, trazia a letra A.” (HAWTHORNE, 2011, p. 67).

Mesmo colocada diante de tanta fúria e palavras hostis, Hester permanece de cabeça firme e em silêncio aguardando julgamento dos pastores e juízes da sua comunidade que discutem seus atos e sua condenação, dessa forma, os líderes religiosos procedem com total proeza na excursão das leis puritanas e anulando o fato da personagem estar a anos naquela comunidade sem a presença masculina do seu esposo, pois ela não sabe seu paradeiro, conforme aponta o narrador:

Caro Senhor, aquela mulher estava casada com um certo homem ilustrado, inglês de nascimento, mas que viveu em Amsterdã durante um tempo. Daí, já lá vai alguns bons pares de anos, ele cuidou de atravessar o Atlântico e de fixar residência entre nós, em Massachusetts. Com esse intuito, mandou à frente a esposa enquanto ele ficou na Europa a fim de regular uns negócios. Durante dois anos, pouco mais ou menos que esta mulher residia aqui, em Boston, não chegaram notícias de Mestre Prynne, que assim se chamava o erudito cavalheiro; e sua esposa, como vê, ficou entregue a seus extravios. (HAWTHORNE, 2011, p. 76)

Assim sendo, a personagem estava sendo julgada pela hipótese do adultério sendo que ela não compartilha naquele momento de uma união conjugal, pois ela não sabe do paradeiro do seu companheiro a anos como é visualizada na citação acima. Entretanto, pela possível prática sexual que levou a personagem à maternidade, ainda nos levando ao

⁶ O original da palavra no inglês, era *pillory*, que significa “pelourinho”.

apontamento descrito pelo narrador, da falsa moral e hipocrisia, pois, ao homem que se faz presente em sua coordenação e aquele que faz silêncio sobre sua paternidade.

Hester é interrogada sem sucesso pelo reverendo Wilson pelo silêncio estabelecido da ocultação da responsabilidade da paternidade e adultério. Por essa razão, o narrador acaba expondo e ressaltando interrogações que refletem no julgamento, sendo suas ações as que conduzirão o fardo da culpa do adultério carnal ou pela recusa em nomear o pai de sua filha, já que a personagem é interrogada para nomeação do nome do pai da criança, conforme aponta, “revelar o nome daquele que contigo pecou” (HAWTHORNE, 2011, p. 81). Mas é justamente em razão do seu silêncio o que é visto como um sinal de desobediência à Igreja, afirma, “[...] meu bebê caberá um Pai dividido; ela jamais conhecerá um pai desde mundo!” (HAWTHORNE, 2011, p. 83). De modo, solidificando uma maternidade solo que se torna malvista naquela comunidade, pois, a personagem silencia e não nomeia o pai de Pearl, fazendo um apontamento que ao não presenciar uma figura masculina na criação de sua filha que homens são vistos como “Criador” ao contrário das mulheres que apenas são utilizadas com acessórios da criação divina.

3 MATERNIDADE: NEM MARIAS, NEM MADALENAS

Como já destacado anteriormente, Hester viverá sua sentença de condenação em consequência de sua desobediência aos princípios religiosos de sua comunidade, já que a maternidade não deveria, segundo sua doutrina, fazer acepção de prazeres impuros e sim dignidade do caráter feminino. Nota-se um apontamento a respeito dos estigmas da mulher que interligam seus papéis sociais de esposa e mãe, descartando qualquer meio que venha colocar sua própria sexualidade em julgamento, fazendo com que a figura feminina se sinta culpada pelos seus atos, tornando-a como símbolo de profanação.

Beauvoir (1967) nos fala que mulher é apenas um elemento da vida masculina enquanto o homem é toda a sua existência. Diante disso percebe-se como a personagem terá um julgamento por meio de leis patriarcais, dessa forma, sua maternidade não é visualizada como procriação da divindade pois a ausência masculina anulará, já que o homem é colocado como ferramenta de criação.

Dessa forma, a mulher sempre terá o papel de sombra masculina, como salienta Beauvoir (1997), “[...] pois o homem a quer como objeto, e a mulher se faz de objeto [...]” (BEAUVOIR, 1997, p. 380). É essa a perspectiva conservadora, que põe as mulheres

nesse espaço subalterno; podemos destacar, então, que a personagem Hester sofre uma inferiorização ainda maior que as demais mulheres dessa sociedade, sendo colocada como moralmente inferior às outras presentes.

A personagem Hester nos leva a uma breve discussão a respeito dos aspectos sexistas, o que por sua vez, ocasiona-se pelas ações daquelas mulheres puritanas que visualizavam sua imagem como: mulher e mãe. A fúria e desejo de justiça das matriarcas daquela colônia se tornaria algo assustado narrativa, pois, acreditava que Hester era portadora do pecado e deveria ser marcada com ferro em seu corpo e não apenas carregar consigo uma letra, visto que, “[...]lançou a vergonha sobre todas [...]” (HAWTHORNE, 2011, p. 66). Como se nota que a beleza da personagem acaba influenciado o olhar de desprezos já que suas características joviais poderiam despertar o desejo masculino, pois:

A jovem era alta, uma figura de perfeita elegância em todos os sentidos. Tinha cabelo escuro e abundante[...] um rosto que, além de bonito pela regularidade dos traços e pela riqueza da composição, causava aquela impressão da própria a sobrancelhas bem marcadas e olhos negros profundos. (HAWTHORNE, 2011, p. 67)

Hawthorne (2011) afirma sugere que o perfil feminino de Hester não era o padrão da época, mostrando que a personagem apresenta um rompimento dos padrões físicos e morais estabelecidos na idealização da mulher puritana. Percebe-se que a maternidade de Hester proporcionou a fúria das matriarcas daquela colônia, pois não demonstra nenhum tipo de delicadeza maternal ou sororidade, em vez disso, lança à multidão discursos de ódio, como na cena aqui citada: “Se a tal meretriz fosse julgada por nós cinco aqui reunidas e em comunhão, será que teria uma sentença como a que lhe deram os excelentíssimos juízes?” (HAWTHORNE, 2011, p. 65)

Elbert (1990) reforça que as mulheres daquela sociedade veem a sexualidade de Hester da mesma forma que os homens, como uma ação de ameaça os princípios e condutas morais puritanas, assim sendo, ao fazer a exposição sexual da personagem essas mulheres também demonstram o desprezo por sua maternidade. Assim sendo, Hawthorne atua com esplendor ao apontar os estereótipos patriarcais que são refletidos na rivalidade feminina, como podemos observar:

[...] em mundo dominado pelos homens, as mulheres expressam sua raiva, sua sensação de impotência, “diretamente em desconfiança e desrespeito em

relação a outras mulheres; e indiretamente, oferecendo-se à vingança masculina. (ELBERT, 1990, p. 176, tradução nossa)⁷

A maternidade de Hester levanta um questionamento sobre os designamos religiosos que transmitem que a maternidade é espelho da divindade, com notamos: “Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão.” (BIBLIA, Salmos 127:3). Mas, que, porém, seu silêncio em não nomear o pai da criança caracteriza uma releitura aos aspectos da maternidade sendo transformada em pecado.

No segundo capítulo, Hawthorne descreve a maternidade exercendo uma analogia à Virgem Maria que traz um paradoxo na narrativa ao detalhar aquele cenário que Hester é colocada no cadafalso. Como podemos observar:

Houvesse em meio à turba de puritanos um papista, talvez enxergasse naquela bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, e com uma criança junto ao peito, uma imagem que lembraria a Madona, quem tantos pintores ilustres competiram para melhor representar; uma imagem que lembraria, de fato, mas apenas por contraste, a sagrada representação da maternidade imaculada, cujo filho vem para redimir o mundo. Ali, o que havia era a mácula do pior dos pecados sobre a mais sagrada das virtudes humanas, provocando um efeito tal que tornava o mundo mais sombrio à beleza daquela mulher e um lugar de ainda maior perdição ao filho que nela fora gerado. (HAWTHORNE, 2011, p. 70)

Essa é uma analogia que pode ser vista como ameaça ao masculino, já que a maternidade, como explica Elbert (1990), acaba se tornando uma fusão da carne e do espírito. Dessa maneira, a citação acima corrobora com as percepções das ações da personagem, a imagem materna associada à atribuição de Deus a sua criação, vista que o masculino – Deus enquanto ser do gênero masculino, como o pensamos socialmente – é portador desse feito. Sendo assim, Hester será julgada e castigada não só pelo seu adultério e sim pela procriação de um filho. Nota-se a necessidade dos ministros puritanos no julgamento da revelação do nome do pai da criança, como aponta, “Fala; e dá à tua criança um pai!” (HAWTHORNE, 2011, p. 82). Dessa forma, a maternidade sem a presença patriarcal reforça a gravidade da falta de espiritualidade feminina, fazendo que se tenha alienação sobre subordinação do outro, pois, a influência do homem como “Criador” acaba colocando Hester em uma dicotomia: santa ou prostituta.

Nesse sentido, conforme podemos analisar as figuras 1 e 2 como Virgem Maria e Maria Madalena. Ambas carregam características próprias, mas, que interagem com os

⁷ Citação original “[...] in a male-dominant world, women express their rage, their sense of powerlessness, “directly in distrust and disrespect toward other women; and indirectly by offering [themselves] up to male vindictiveness.” (ELBERT, 1990, p. 176)

aspectos de semelhança com a personagem Hester. A Virgem Maria o dom da maternidade sem fazer alusão ao pecado, uma vez que Jesus nasceu de sua mãe imaculada, enfatizando que os filhos são herança do Senhor; podemos pensar também a Maria Madalena, uma vez que a personagem é marcada pela culpa da prática sexual ligada ao adultério e exposta aos julgamentos humanos.

Figura 1 – “The Virgin and Child with Angels”, pintura de Cavarozzi



Fonte: Google Arts & Culture.

Figura 2 – Hester sobre o cadafalso aos olhares da colônia puritana



Fonte: Getty Images.

Conforme é possível observar na pintura Cavarozzi (figura 1), o cenário de maternidade divina contemplada pelos reinos do céu, tendo o filho homem como

protagonista da criação e Maria como semente da divindade cercada por anjos que proporcionam redenção do mundo. Diante disso, podemos observar Hester sobre o cadafalso (figura 2), teremos os olhares da colônia puritana que é voltada ao seu julgamento, percebe-se a necessidade de exposição do seu pecado as sagradas virtudes humanas colocando Hester como portadora do pecado e insolando a maternidade como aceção à divindade, já que a figura da criação é uma menina, assim sendo, figura feminina não pode ser aplicada termo de “Criador” e sim “fruto do pecado”. Além disso, a prática sexual que a leva ao adultério, se tornando uma analogia a Maria Madalena, que foi julgada em praça pública por essas mesmas ações, mas, porém, ao analisar as figuras (1 e 2) percebe-se a necessidade da presença masculina para considerar e proferir sobre o que é divino ou que é pecado.

Elbert (1990), ressalta que Hester quebra qualquer estrutura familiar condutas estabelecidas pelo homem, já que ela dá à luz e cria sua filha sozinha, negando, assim, a necessidade de um marido e fortalecendo que a mulher não necessitará de uma figura masculina como objeto indispensável de provedor familiar e assim apagando qualquer vestígio triunfo masculino que liga homem como figura principal criação.

Nota-se que, mesmo diante de todos os conflitos impostos, Hester continuará firme sobre a ocultação do nome do pai de sua filha, já que ele silencia a respeito de sua paternidade, podemos analisar quando o narrador cita: “[...] pobre bebê nos braços de Hester sentiu seus efeitos; seu olhar até então perdido voltou-se para onde o sr. Dimmesdale, e a criança elevou os bracinhos com murmúrio de protesto e satisfação.” (HAWTHORNE, 2011, p. 82). Dessa maneira, Hester estabelecerá uma redefinição de maternidade já que solidifica um abandono paterno e assim definido o termo de mãe solteira ao assumir a paternidade sozinha.

Além de, fortalecendo uma nova fase no seu processo de identidade que será preenchida por diligências solitárias ao criar sua filha, mesmo permaneça em um mundo que isolará de qualquer perspectiva moral e religiosa a personagem nos mostra a relevância de seu papel como mulher e provedora de seu lar, como podemos observar neste trecho:

Foi assim que Hester Prynne adquiriu um papel a desempenhar no mundo. Com sua natural energia de caráter e seu raro talento, não pôde ser totalmente banida, embora lhe tivessem imposto aquela marca que, para um coração de mulher, era mais intolerável do que o sinal na testa de Caim. (HAWTHORNE, 2011, p. 98)

Nesse sentido, Prynne será exatamente quem ela é: uma mãe que carregar o peso dos julgamentos sobre a criação de sua filha conectada a ausência paterna, mas, que, porém, não deixará ser corrompida as maldades imposta a ela e sua filha, assim, carregando características marcadas por sua força, gentileza, orgulho e desse modo tecendo suas próprias ideologias sem ser atingida por aquele meio selvagem.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O DESABROCHAR DA ROSA

Aqui dissertaremos sobre o processo de identidade e suas características, fazendo símeis com a personagem Hester passará por essa construção e como a maternidade influenciou em todo esse meio. Hester será isolada pela colônia puritana, mas decide ficar e carrega o peso da letra “A” em seu peito. Ela e sua filha começarão uma nova jornada morando em uma simples cabana localizada na floresta, sozinha e condenada pelos olhares de uma sociedade cruel, ela se mostrará forte! Como narrador nos cita:

Com o mundo inteiro diante dela - sem que houvesse em sua sentença uma cláusula restritiva que a obrigasse a ficar na colônia puritana, [...] livre para retornar seu local de nascimento ou qualquer parte da Europa e lá ocultar sua identidade e sua pessoa sob nova aparência. (HAWTHORNE, 2011, p. 93)

Oliveira (2011), ressalta que Hester mesmo diante a exposição pública ela se veste de um feminismo como a quebra do patriarcado ao realizar a criação de sua filha sem uma figura masculina, mesmo com anulação do modelo do “anjo do lar” ela se faz presente em suas características de boa mãe e mulher. Assim como foi dito, essa consciência feminista que refletida à sua personalidade rebelde e de uma força ao tentar propulsionar o melhor a sua pequena Pearl, como podemos observar no seguinte trecho:

Sua mãe, movida por impulso mórbido que poderá ser mais bem compreendido adiante, comprava os tecidos mais ricos e dava total liberdade a seu imaginário talento para compor e decorar as vestes que sua filha usaria em público. (HAWTHORNE, 2011, p. 104)

É vista disso, o cuidado de Hester em manter sua pequena bem-vestida faz um apontamento ao domínio e habilidade como artesã. Dado que, durante a narrativa podemos perceber a construção da identidade interligada ao seguimento do empreendedorismo feminino da personagem. Oliveira (2011) explica que a carreira profissional ligada à costura e ao bordado traz para a personagem certa autonomia

financeira e desafia a sociedade puritana a enxergar Hester com outros olhos, que não de julgamento pois agora precisam dela e de sua arte, como próprio narrador demonstra:

Apesar de sua solidão e sem um amigo que ousasse lhe fazer uma visita, Hester não corria o risco de passar necessidade. Dominava um ofício que, mesmo numa terra que pouca oportunidade oferecia, era suficiente para o sustento de si mesma e da filha, que crescia. Tratava-se da arte — naquele tempo, como agora, quase a única à disposição de uma mulher — das agulhas. (HAWTHORNE, 2011, p. 95)

Dessa maneira, a personagem nos mostra uma independência financeira feminina, algo que até então não era visto, pois, o homem era nomeado como único provedor de seu lar. A partir dessas colocações iremos observar uma mulher que quebra os estereótipos impostos por um círculo religioso e será protagonista da força feminina, apesar de todo abandono. Prynne vem entrelaçando sua autonomia sobre a criação da sua filha, sua independência financeira auxiliará nesse recurso, fazendo que ela consiga descartar toda submissão ao patriarcado da colônia puritana. Assim sendo, Hester mesmo colocada como objeto não pertencendo àquele grupo e inserida mais uma vez, sua costura e seu bordado alinhava seus novos caminhos, enquanto aquele bordado da letra “A” sob seu peito é ressignificado como força e luta de uma mulher e mãe.

Além disso, mesmo atribuída um conjunto de conceitos hostis Hester destaca-se com seu coração bondoso, como explica Oliveira (2011), a personagem mesmo com as dificuldades da criação de sua filha utiliza de sua autonomia financeira para ajudar os mais carentes daquela colônia, pois, “[...] os pobres que ela procurava transformar em alvo de toda caridade, conforme já dissemos, amiúde insultavam aquela que estendia a mão em seu socorro. (HAWTHORNE, 2011, p. 99).

Dessa forma, Hester vive com autonomia apesar do julgamento alheio, mesmo perpetuamente negada sobre a graça de sua comunidade. Ela codificou o símbolo colocado em suas ações se mantendo como uma bela rosa presa em solos selvagens, Hester se mantinha naquela sociedade, cheia de formosura com as pétalas daquela rosa, carregava, porém, consigo eram velados em seu coração.

Essa roseira, por um estranho acaso, tem sobrevivido ao longo da história; mas se meramente mantinha-se incólume à severidade do ambiente selvagem tantos anos depois de os enormes pinheiros e carvalhos que originalmente lhe davam sombra terem ido ao chão ou se floresceu sob os passos da santa Ann Hutchinson [...]” (HAWTHORNE, 2011, p. 62)

A falsa moral de bons princípios que ali se faz presente, não deixaria a personagem desabar, mesmo diante da dor “[...]Teria Hester pecado sozinha?” (HAWTHORNE, 2011, p. 100). No desenvolvimento deste estudo, percebemos como a personagem nos mostrando seu alinhavado da identidade ligada ao papel da mulher e suas lutas em prol condições de uma vida melhor, a independência financeira juntamente com empreendedorismo feminino e sua maternidade solo que se faz o apontamento da falta da presença patriarcal, lhe proporcionou sua real liberdade a qual nem uma doutrina religiosa foi capaz de transgredir sua identidade, além de expor a hipocrisia sobre os ensinamentos religiosos puritanos que colocar a figura feminina como objeto de inferioridade daquela sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da narrativa *A Letra Escarlate*, podemos compreender como a Hester Prynne possui enorme desenvolvimento sobre uma consciência feminista que passa por uma desconstrução de idealização de mulher puritana, sobressaindo da presença que o sistema patriarcal lhe oferece e assim realizando uma nova reconstrução de identidade feminina diante da colônia religiosa. O autor Nathaniel Hawthorne demonstra os conflitos encontrados pela personagem na colônia puritana em Massachusetts, a qual coloca a mulher na posição de objeto de apontamentos e julgamentos morais e pecaminosos. Percebe-se então a importância desse conhecimento prévio que nos leva à reflexão e análise que atua no processo de desenvolvimento da identidade que interliga a maternidade de Hester.

É necessário resgatar os conflitos encontrados e conhecê-lo, o paradoxo da narrativa que mostra uma mulher exposta ao público e que carrega consigo a marca do seu adultério sobre seu peito e sua alma, Hester é humilhada e isolada daquela sociedade, mas acaba expondo a hipocrisia religiosa e patriarcal da comunidade em que vivia. Demonstrando, dessa forma, sua luta pela criação de sua filha, a qual podemos consolidar a uma maternidade solo que é malvista inicialmente, porém que contrasta com as ações da personagem, demonstrando o paradoxo social e filósofo do julgamento humano.

Diante disso, reconhecemos a relevância de Hawthorne (2011), Oliveira (2016), Stevenson (1936) e Karnal (2007) nos auxiliando a compreensão do caráter histórico da sociedade puritana, bem como a importância de Rougemont (1902), para compreensão e atribuições da mulher puritana na sociedade. Reconhecemos também a importância de

Oliveira (2011), Elbert (1990) e Beauvoir (1967), que nos auxiliaram a compreender os aspectos relacionados com a maternidade dentro da sociedade puritana, o que nos leva a refletir sobre literatura e sociedade.

Como vimos ao longo desse texto, Hester é uma personagem que está à frente do seu tempo, que exclui qualquer possível presença masculina para atuar dentro do seu contexto familiar, perante os olhares hostis que a heroína de sua própria narrativa sofre atuando como empreendedora, mãe e provedora do seu lar. Sendo assim, a personagem tem um papel de grande relevância dentro da literatura norte-americana. Em suma, ressaltamos a importância de Hester como a mulher que consegue escapar a armadilha social da imposição desse lugar de objeto e passa a ser sujeito atuando de forma decisiva sobre seu processo de identidade, tornando-se símbolo de força feminina. Além disso, o presente artigo tem como caráter crítico o apontamento da literatura e sociedade de forma que ambas são um conjunto vivo de ações que se interligam, assim, se tornando um papel fundamental para processo crítico e de conhecimento exploratório.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução e Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA, Antigo Testamento. Salmos 127:3-5 In: **BÍBLIA On: Bíblia Sagrada Online**. São Paulo: 7Graus, 2009. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/salmos_127_3-5/ Acesso em: 07 mai. 2023.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica** literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003, pp-253-261.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem**. In: CANDIDO, A. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

ELBERT, Monika M. **Hester's Maternity; Stigma or Weapon?** Washington: Volume:36, 1990.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A letra escarlate**. Tradução de Christian Schwartz. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

JAMES, Henry. **Hawthorne: a critical essay on the man and his times**. New York: Collier Books: 1966.

KARNAL, Leandro; **PURDY**, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; DE MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos – das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KAUARK, F. S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia** Itabuna: Via Litterarum, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Albéris Eron Flávio de. **Nathaniel Hawthorne: o puritanismo e a hipótese do Eros em A letra escarlate (1850)**. / Albéris Eron Flávio de Oliveira. Natal (RN): IFRN, 2016. 123 p.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de. **O feminismo na obra “A Letra Escarlate” (1850), de Nathaniel Hawthorne**. UFAM: 2011.

ROUGEMONT, Denis de. **História De Amor No Ocidente**. Tradução: Paulo Brandi. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro, 2003. Título original: L’ amour et l’ Occident, 1906.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-32.

STEVENSON, Robert Louis. **Puritanism, Pietism, and Science** – SAGE Journals. Vol. XXVIII. No.1. 1936

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.